

Suplemento de Património

A Casa da Seara

Cristiano Cardoso¹ e Elsa Silva²

O CASAL DA SEARA: ADMINISTRAÇÃO E PRODUÇÃO

Em 1517 é feito um Tombo de bens e propriedades da Igreja de São Pedro de Caíde de Rei. Estas terras da igreja, de padroado régio, vieram a estar na origem da constituição de uma comenda nova da Ordem de Cristo, instituída pelo rei Dom Manuel I. Os dois tombos seguintes, 1613 e 1679, já são realizados no âmbito desta Comenda da Ordem de Cristo de São Pedro de Caíde de Rei.

O casal da Seara é um dos três casais que integra o território desta Comenda de Cristo. Os três Tombos de Propriedades realizados e que nos chegaram – 1517, 1613 e 1679³ – constituem uma fonte privilegiada para o estudo deste casal que veio a dar origem a uma importante casa da região.

O Tombo de 1517 é o que nos fornece dados mais pormenorizados da composição física do casal da Seara, bem como da sua administração e produção. O casal era composto por seis parcelas de terra, sendo cinco delas apropriadas para cultivo. No Quadro 1 é possível verificar a área total aproximada do casal, a quantidade de sementeira e as dependências agrícolas associadas.

Casal da Seara – Área e Produção				
Parcela	Área (varas)	Área (m ²)	Sementeira (alqueires)	Dependências Associadas
Campo	150x60	9000	5	
Campo da Seara	149x62	9238	10	
Campo	50x40	2000	1,5	Eira e palheiro
Lameira	210x32	6720		
Bouça de São Miguel	116x90	10440	10	Ermida de São Miguel
Campo	170x50	8500	8	
TOTAL		45898	34,5	

Quadro 1

Quanto à área urbana não temos dados sobre a sua dimensão, mas sabemos que era constituída por quatro casas: adega e cozinha, corte de ovelhas e corte de bois, tudo em redor de um quinteiro. Ligeiramente afastado do assento de casas, junto à Ribeira de Caíde, existia um moinho pertencente ao casal.

Tinha direito à água da presa da Lagoa no Inverno de “torne tomarás quem mais poder tornar”, e no Verão todos os Domingos desde Sábado à noite até Domingo à noite.

Pagava de renda 340 reis e duas galinhas no dia de Nossa Senhora de Fevereiro. Afonso Anes e Maria Gonçalves, traziam o prazo de três vidas, em que eram 1.^a e 2.^a pessoa, podendo nomear a terceira

O Tombo de 1613 não nos dá uma descrição das parcelas rústicas do casal, mas permite perceber que a área cultivável teria aumentado, bem como a produção, na medida em que a sementeira necessária atinge os 80 alqueires. Nesta fase o casal já estava dividido, sendo este valor respeitante, certamente, ao total das duas metades.

Continua a ter água da presa da Lagoa desde “o primeiro dia de Março até dia dos Santos Dias” todos os

¹ Técnico Superior de História - Gabinete de Património Histórico

² Técnica Superior de História de Arte (Estagiária) - Gabinete de Património Histórico

³ Estes documentos foram gentilmente cedidos pela Sra. D. Maria da Assunção Menezes, da Casa de Almeida, Caíde de Rei.

A leitura e transcrição foi realizada pelo Arquivo Distrital de Braga (1517) e por Cristiano Cardoso (1613 e 1679).



domingos do pôr-do-sol de sábado até a mesma hora de domingo; nos restantes meses de “torne torne” todos os dias. Tinha ainda direito à água da levada da Ribeira de Caíde.

Pelo São Miguel cada um dos caseiros pagava de renda, posta na Igreja de Caíde de Rei, 10 alqueires de pão terçado, meio carneiro (ou 100 reis), 150 reis em dinheiro, 1 galinha e 1 lacão (presunto).

O CASAL DA SEARA: “SENHORES” E SUCESSÃO

No início do século XVI o casal da Seara estava na posse de Afonso Anes e de sua mulher Maria Gonçalves, sob a forma de um título de prazo de 3 vidas em que eram 1.^a e 2.^a pessoa, respectivamente. A 3.^a pessoa deste prazo estava destinada a um filho ou filha deste casal ou, na ausência de filhos, a uma outra pessoa que ambos nomeassem.

Sabemos que no início da centúria seguinte este prazo já se encontrava dividido entre duas famílias – Amador de Sousa e sua mulher Guiomar Brochado; e André Fernandes e sua mulher Gonçala Antónia. Amador de Sousa, tabelião do público e judicial do concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega e juiz do tombo de 1613, herdou de seus pais metade do prazo que estes, por sua vez, haviam adquirido por compra a Gonçalo Gaspar e a sua mulher Maria Pires. Esta foi 3.^a vida no prazo anterior e seria, possivelmente, filha ou neta de Afonso Anes e de Maria Gonçalves.

A outra metade do casal estava na posse de André Fernandes que a herdara de seu pai homónimo, sem que tenha sido possível apurar se esta metade foi adquirida igualmente por compra ou se chegou por sucessão à posse do pai do enfiteuta. Certo é que André Fernandes e Gonçala Antónia renovam o prazo deste meio casal passado em Lisboa a 12.9.1626 por Jorge da Cunha de Novais.

Este casal manter-se-á dividido até 1634, altura em que Amador de Sousa une as duas metades por compra a Gonçalo André, 3.^a vida no prazo de 1626 e filho dos acima mencionados André Fernandes e Gonçala Antónia, pela quantia de 290 mil reis. A escritura de venda de 29 de Abril de 1634 foi lavrada pelo tabelião da Honra de Meinedo André Borges.

Desta forma, e cerca de cem anos depois, o casal da Seara volta a estar unido num só prazo do qual são senhores Amador de Sousa e sua mulher Guiomar Brochado. Neste prazo sucederá uma filha deles, Sebastiana de Sousa Brochado, por escritura de dote de casamento feita por seus pais a 8 de Julho de 1639 na nota do tabelião Feliciano Cardoso do concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega.

A Sebastiana de Sousa Brochado e seu marido Pantalião da Costa Pinto sucedeu sua filha Maria Pinto da Costa por uma escritura de dote de casamento feita por seus pais para casar com Manuel Machado de Carvalho, escritura feita a 22 de Setembro de 1675 na nota do tabelião Lourenço da Cunha do concelho de Santa Cruz.

Extintas as três vidas deste prazo com a morte da 3.^a pessoa, e por se encontrar vago, em 1679, será feito o pedido de renovação do prazo da Seara em nome de Manuel Machado de Carvalho e de sua mulher Maria Pinto da Costa.

A CASA DA SEARA: UMA CASA NOBRE RURAL

A Casa da Seara é um exemplo de muitas das Casas Nobres Rurais que podemos encontrar no Concelho de Lousada. Este edifício insere-se na tipologia da arquitectura civil dos séculos XVI-XVIII, enquadrando-se num espaço rural e isolado da freguesia de Caíde de Rei.

É importante mencionar que normalmente este tipo de edifícios eram construídos a mando de famílias que faziam parte da aristocracia portuguesa e que devido às suas facilidades económicas, assim como, pelo seu requintado gosto, deixaram patente na região do Vale do Sousa um património de grande qualidade artística e um legado histórico – social bastante significativo para a compreensão do quotidiano destas épocas.

Na nossa opinião é talvez a sua função como núcleo dinamizador do sector agrícola que mais se evidencia e que mais relevo têm para a história local destas freguesias. A riqueza das propriedades e as potencialidades produtivas eram de extrema importância para a economia e para o povo de Lousada.

Em termos patrimoniais, existe pouca informação que nos esclareça quanto aos bens materiais que estas casas de cariz civil e particular albergavam em seu poder, ou seja, não havia o hábito por parte desta aristocracia rural de registar ou de descrever o que iam adquirindo ou construindo.

Por estas razões verifica-se uma maior dificuldade em conhecer o seu património, ao contrário do património religioso, que apesar de também ser escassa a informação, conseguimos registos que nos permitem perceber a evolução das construções e do seu legado artístico.

Em relação à Casa da Seara, a sua situação arquitectónica evidencia mau estado de conservação, encontrando-se, actualmente, numa situação de abandono, motivo que ainda mais nos dificulta uma justa e precisa análise artística. No entanto, denotamos que esta casa se insere no conjunto de casas construídas na região do Vale do Sousa, que se rege formalmente pelo o uso da planta rectangular e que se desenvolve mais ao nível do comprimento do que altura (sistema arquitectónico utilizado regularmente a partir do século XVII).

Lateralmente à casa está presente uma pequena capela, que depreendemos através de documentação histórica (Tombo de 1517) que a sua fundação seja anterior à construção da Casa da Seara. Esta capela é definida pelas suas pequenas dimensões e pela sua simplicidade ornamental.

Para terminar, devemos mencionar que esta Casa da Seara é constituída ainda hoje por um vasto terreno agrícola, emanando desta maneira a sua importante função socio-económica local.

ESQUEMA GENEALÓGICO DA CASA DA SEARA

I AMADOR DE SOUSA, fal. a 24.10.1649, Sr. de metade do prazo do casal da Seara por nomeação de seus pais, e senhor da outra metade por compra a Gonçalo André, em 29.4.1634, pelo preço de 290 000 reis, tabelião do público e judicial em Santa Cruz de Riba Tâmega, e tabelião do Tombo de 1613, C. c. GUIOMAR BROCHADO, fal. a 22.2.1652. sem fazer manda.

Tiveram:

1(II) FRANCISCO BROCHADO, que assina o Tombo de 1613 como testemunha.

2(II) SEBASTIANA DE SOUSA BROCHADO, que segue.

II SEBASTIANA DE SOUSA BROCHADA, já defunta em 24.9.1675, Sra. do prazo do casal da Seara por escritura de dote de casamento de 8.7.1639, C. em Caíde de Rei, a 15.7.1639 c. PANTALIÃO DA COSTA PINTO, filho leg. de Pedro da Costa e de Maria [...]; a 26.9.1649 é padrinho de baptismo de Francisco, filho de João Velho e de Maria Ribeiro.

Tiveram:

1(III) JOANA, bap. a 25.8.1642, foi padrinho Manuel Maria Cabral, arceidiago de Meinedo.

2(III) MARIA PINTO DA COSTA, que segue.

3(III) Dr. MANUEL PINTO DE SOUSA, bap. em Caíde de Rei a 22.8.1647, sendo padrinhos João Velho e Bratís Ribeira; Juiz de Fora em Braga, C. c. MARIANA DE SOUSA E OLIVEIRA, Sra. das casas do Bairro (Alvarenga) e de Baceiras (Bustelo).

Filhos conhecidos:

1(IV) TEODÓSIA TERESA RIBEIRO PINTO DE SOUSA, Sra. da Casa de Bairro que lhe doou o seu irmão Ricardo Pinto por escritura de dote de casamento de 28.2.1720, c. a 8.4.172, em Alvarenga, c. MANUEL PINTO DO VALE PEIXOTO DE SOUSA E VILLAS-BOAS, n. a 5.2.1678, 8.º Sr. da Casa do Porto, em Santa Margarida.

2(IV) RICARDO PINTO, Sr. da Casa de Bairro que legou a sua irmã.

III MARIA PINTO DA COSTA, Sra. do prazo do casal da Seara por escritura de dote de casamento de 22.9.1675, C. na Igreja Matriz de Caíde de Rei a 24.9.1675 c. MANUEL MACHADO DE CARVALHO, representante no Tombo de 1679.

Tiveram:

1(IV) MARIA MADALENA MACHADO E SOUSA, n. a 8.9.1677 e foi bap. a 13.9.1677, foram padrinhos Pedro Vicente Teixeira e Maria, solteira, filha de Lourenço da Cunha, C. em Caíde de Rei a 21.1.1703 c. MANUEL MARINHO DE MOURA, filho leg. de António Marinho Ramires e de sua mulher Brazia Camella de Moura, já defuntos, moradores queoram em Jornada, freguesia de Fregim, Amarante.

- Filha:
- 1(V) CLARA ANGÉLICA
 - 2(IV) JOÃO, bap. a 13.1.1679, foram padrinhos Baltasar de Araújo e Joana, filha de Lourenço da Cunha.
 - 3(IV) DOROTEIA, n. a 25.5.1681 e b. a 8.6.1681, foram padrinhos Luís Borges e Britis, filha de Amador de Sousa, de Vila Meã.
 - 4(IV) JOANA MARIA DE SOUSA PINTO, que segue.
- IV JOANA MARIA DE SOUSA PINTO, C. em Caíde de Rei a 31.8.1711 c. MANUEL PINTO BRANDÃO, fal. a 6.4.1754, filho leg. de Pedro de Ferreira e de sua mulher Vicencia Ferreira Brandão, da freguesia de Santiago de Carvalhosa.
- Filha conhec.:
 1(V) QUITÉRIA ANTÓNIA DE SOUSA BRANDÃO, que segue.
- V QUITÉRIA ANTÓNIA DE SOUSA BRANDÃO, n. a 25.2.1713 e foi bap. a 28.2.1713, foram padrinhos Agostinho Pinto Brandão, solt.^o, de Carvalhosa, e Doroteia Tiozinda, solt.^a, tia materna, C. na Capela da Seara, em Caíde de Rei, a 20.7.1732 c. LUÍS MANUEL COELHO DE CALVOS, filho leg. de Manuel da Costa Pereira e de sua mulher Maria Teresa Josefa Coelho (fal. na Quinta da Seara a 1.2.1745), moradores no lugar de Ferende, freguesia de São Mamede de Canelas.
- Filhos:
- 1(VI) FLORISBELA CLARA, n. a 5.4.1735, na Quinta da Seara, foram padrinhos Luís Coelho de Lemos e D. Clara Angélica, filha de Maria madalena Machado e Sousa.
 - 2(VI) JOÃO MANUEL, n. 5.5.1736, na Quinta da Seara, foram padrinhos Luís Coelho de Lemos e o Rev. Padre Manuel Coelho Brandão por procuração mostrada pelo padre Serafim Coelho Falcão, e D. Mariana Teresa Josefa Coelho, avó materna.
 - 3(VI) SEBASTIÃO JOSÉ COELHO DE CALVOS, n. 20.1.1738, na Quinta da Seara, sendo padrinhos Manuel Pinto Brandão, avô paterno, e Doroteia Tiozinda de Sousa, fal. a 18.8.1761.
 - 4(VI) JOSÉ VICENTE, n. 22.1.1741, na Quinta da Seara, foram padrinhos o Rev. Manuel Ferreira da Costa e Sabóia e D. Ana Pinto de Magalhães.
 - 5(VI) LUÍSA, n. 22.3.1743, na Quinta da Seara, foram padrinhos Diogo de Sousa Taborda Araújo com procuração mostrada pelo Doutor Luís de Sousa Correia, e Gaspar Leite de Azevedo, de Azurém, com uma procuração de D. Luísa Josefa da Gama, da Rua das Flores, no Porto.
 - 6(VI) TOMÉ LUÍS, n. a 20.12.1744, na Quinta da Seara, foram padrinhos Bernardo António de Mesquita e o padre Manuel Pinto de Sousa.
 - 7(VI) JOANA MARIA, n. a 13.3.1747, na Quinta da Seara, foram padrinho o padre Caetano Pinto, reitor de Caíde de Rei, e Florisbela Clara, irmã da baptisada.
 - 8(VI) LUÍS, n. a 23.10.1748, na Quinta da Seara, foi padrinho o seu irmão João Manuel e Doroteia Tiozinda.
 - 9(VI) MANUEL, n. 15.12.1750, na Quinta da Seara, foi padrinho Sebastião José Coelho de Calvos com procuração de D. Manuel de Assis Mascarenhas da Costa Castelo-Branco Barreto Coutinho Noronha e Lencastre, Conde de Óbidos, de Sabugal e de Palma e Meirinho-mor do Reino, e madrinha Florisbela Clara.

Fontes:

Tombo de 1517; Tombo de 1613; Tombo de 1679.

Bibliografia:

- PEDRAS, Rita (2007) – A casa nobre rural nos séculos XVI/XVIII no concelho de Lousada. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*. N.º 2. Lousada: C.M.L. pp. 163-181.
- SILVA, Isabel Luísa Morgado de Sousa e MONTEIRO, Isilda Maria Braga da Costa (2008) – *Lousada – Percursos de Memória*. Lousada: C.M.L.
- SILVA, Isabel Luísa Morgado de Sousa (2002) – *A Ordem de Cristo (1417-1521)*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.